



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS



BACHARELADO EM MUSEOLOGIA

OFICINA DE PAPEL RECICLADO ARTESANAL NA INSTITUIÇÃO MUSEOLÓGICA: AGREGANDO VALORES COM FOCO NA RESPONSABILIDADE SOCIAL E CIDADANIA

GOIÂNIA- GO

2017

CLAUDIA REGINA VIEIRA MARQUES

**OFICINA DE PAPEL RECICLADO ARTESANAL NA INSTITUIÇÃO
MUSEOLÓGICA: AGREGANDO VALORES COM FOCO NA
RESPONSABILIDADE SOCIAL E CIDADANIA**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado
Disciplina de Metodologia da Pesquisa curso
de Museologia da Universidade Federal de
Goiás como parte dos requisitos necessários
para obtenção parcial de notas sob orientação
do Prof. Dr. Jean Tiago Baptista

GOIÂNIA - GO

2017

CLAUDIA REGINA VIEIRA MARQUES

**OFICINA DE PAPEL RECICLADO ARTESANAL NA INSTITUIÇÃO
MUSEOLÓGICA: AGREGANDO VALORES COM FOCO NA
RESPONSABILIDADE SOCIAL E CIDADANIA**

Aprovado em: ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA:

_____/_____/_____
Prof. Dr. Jean Tiago Baptista

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIAS – UFG

_____/_____/_____
Prof. Dr. Rildo Bento de Souza

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIAS – UFG

_____/_____/_____
Profª Dra Camila Azevedo de Moraes Wichers

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIAS – UFG

_____/_____/_____
Profª Dra : Ivanilda Junqueira

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIAS – UFG

Dedico este trabalho, bem como todas minhas demais conquistas, aos meus amados pais: Mário e Marilda, e a minhas duas preciosas sobrinhas: Yasmim Vitória e Karoline Vitória, meus melhores e maiores presentes. Em especial à artesã Maucia que sempre se fez presente em minha vida, amiga, sempre disposta a me ajudar, a me apoiar. Você é meu exemplo de vida, a luz que sempre me orientou pelas estradas duvidosas da vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus por me dar saúde e muita força para superar todas as dificuldades.

A esta Instituição e todo seu corpo docente, além da direção e administração que me proporcionaram as condições necessárias para que eu alcançasse meus objetivos.

Em especial ao meu orientador professor Jean Baptista, por todo o tempo que dedicou a me ajudar durante o processo de realização deste trabalho.

Aos meus pais, por todo o amor que me deram, além da educação, ensinamentos e apoio.

Agradeço também a compreensão do Sr. Fábio Afonso, diretor da empresa Reposit Tecnologia que tornou possível conciliar trabalho e estudo nesta trajetória acadêmica.

E enfim, a todos que contribuíram, de forma direta ou indireta para realização deste trabalho, fica registrado aqui, o meu muito obrigado

“Trabalhar com sustentabilidade é plantar um presente que garanta a subsistência das novas gerações num planeta que pede socorro e se aquece a cada dia. Pois melhor que plantar árvores, despoluir rios, proteger animais, é semear a consciência de que a garantia da vida é respeitar as fronteiras da natureza”.

NILDO LAGE.

RESUMO

Este trabalho propõe refletir sobre o museu inserido no “Novo” conceito museológico de pensar a sustentabilidade por meio de ações concretas e oficina de papel reciclado – artesanal, agregando memória e responsabilidade Social. A sustentabilidade é uma preocupação crescente, uma vez que os recursos naturais estão cada vez mais ameaçados em consequência da ação humana. Portanto a presente pesquisa apresenta como os aspectos da sustentabilidade têm sido discutidos no campo da Museologia na atualidade, diante dos eminentes sinais de desequilíbrio ambiental sinalizados pelo planeta .A reflexão parte dos princípios de sustentabilidade percebida pelos museus no aspecto ambiental e sociocultural. Nesta premissa, a proposta de oficina de papel artesanal, a qual pode contribuir para sustentabilidade, a fim de possibilitar uma análise do contexto frente as ações de reciclagem atribuídas pelas instituições para que estas se reafirmem na função social com comunidade, buscando propor a conscientização humana em favor do fortalecimento e o compromisso do Espaço Museu para o público com a mediação aliada à exposição e às atividades do educativas e sustentabilidade.

Palavras Chave: Cidadania. Museu. Sustentabilidade. Oficina de papel. Responsabilidade.

ABSTRACT

This work proposes reflection on the museum inserted not "New" museological concept of thinking about sustainability through concrete actions and workshops of recycled paper - craft, adding memory and Social responsibility. Sustainability is a growing concern, as natural resources are increasingly threatened as a result of human action. A reflection is based on the principles of sustainability perceived by museums in the environmental and socio-cultural aspects. In this premise, a proposal of a craft paper workshop, a qualification for sustainability, in order to enable an analysis of the context as recycling actions attributed by institutions so that they can be reaffirmed in the social function with community, seeking to propose human awareness in favor the strengthening and commitment of the Espaço Museu to the public with a media on display in activities and activities of education and sustainability.

Keywords: Citizenship. Museum. Sustainability. Paper office. Responsibility.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Trajetória do ponto de memória.....	24
Foto 1 - Aparas de papel.....	31
Foto 2 - Processo de liquidificação.....	32
Foto 3 - Polpa de bagaço de cana de açúcar.....	32
Foto 4 - Papeleira Maucia Vieira dos Reis.....	33
Foto 5 - Bastidores secando.....	33
Foto 6 - Folhas de papel artesanal.....	34
Foto 7 - Flores de papel artesanal.....	34

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPITULO I - O PENSAMENTO MUSEOLÓGICO CONTEMPORÂNEO FRENTE À QUESTAO SUSTENTABILIDADE	13
1.1 As dimensões da sustentabilidade aplicadas ao museu	15
1.2 Ideologia sustentável eco-museus.....	17
CAPÍTULO II - GESTÃO SUSTENTÁVEL DE MUSEUS NO SÉCULO XXI.....	19
2.1 Museus, Museologia e Ambiente.....	20
2.2 A reciclagem como fator de preservação ambiental e qualidade de vida	21
2.3 Pontos de Memória.....	23
2.3.1 Movimentos da Vila Estrutural: luta, resistência e conquista - Breve histórico	23
2.3.2 Trajetória do Ponto de Memória	24
2.4 Lei que ampara a problemática ambiental: referências de educação ambiental em museus.....	27
CAPÍTULO III - PROPOSTA DE OFICINAS NOS ESPAÇOS MUSEOLÓGICOS	28
3.1 Atividades propostas na oficina de papel: passo a passo	30
3.1.1 Recursos utilizados na oficina	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo refletir as propostas sustentabilidade na Instituição Museológica por meio da oficina de papel reciclado - artesanal. Nessa proposta, a ação, estabelecida na oficina de papel artesanal, tem como princípio agregar valores com foco na responsabilidade social e cidadania, fator imprescindível para que se tenha um planeta equilibrado.

Deste modo, a relevância do estudo se dá justamente na identificação e proposição de estratégias para pensar possibilidades vivenciar ações educativas propostas para Museus, tendo a reciclagem de papel como princípio de cidadania e sustentabilidade.

Vale ressaltar que as ações sustentáveis e culturais desenvolvidas por organizações, como os museus, podem ser ferramentas fundamentais para a construção de relacionamentos sólidos entre a instituição e a comunidade. Assim, o princípio de cidadania demonstra que as ações culturais somente têm sua eficiência alcançada quando articuladas com o planejamento estratégico, ou seja, estruturado a um plano museológico.

Faz-se necessário ressaltar que os museus têm desempenhado um papel relevante e específico no campo da democratização da cultura, rompendo as barreiras dos seus espaços tradicionais, procurando novos públicos e criando exposições que incorporam linguagens, considerando os diversos espaços inovadores, frente aos fluxos de informação.

Portanto, os problemas ambientais discutidos a partir da proposta em espaços museológicos, norteiam as funções da Instituição frente à contemporaneidade, uma vez que busca por meio da conscientização, refletir a questão ambiental, a qual tem o homem, como principal agente causador de danos ao meio ambiente.

Nesse contexto, o objetivo deste trabalho é envolver os visitantes da instituição museológica, com incentivo sobre a importância da reciclagem do papel artesanal, aliado ao artesanato, como ação de conscientização ambiental, uma forma eficaz de somar os esforços para conservação dos recursos naturais, uma vez que a produção artesanal pode estruturar e viabilizar atividades educativas e de sensibilização social.

Diante deste pressuposto, a museologia oferece ações educativas com possibilidades de reforçar a relação entre o social e o sustentável, buscando assim, desenvolver novos hábitos e necessidades culturais.

Os problemas ambientais discutidos e enfrentados ao longo da história precisam da intervenção humana para que sejam solucionados, visto que as propostas de Educação Ambiental no mundo são imprescindíveis para que se tenha um planeta equilibrado.

Nesse sentido, entendo que a oficina de reciclagem e confecção do papel artesanal na instituição museológica tem o intuito de levar os visitantes a refletirem sobre o impacto e apresentar soluções concretas já vividas em diversas partes do mundo em favor de um modelo de crescimento sustentável, com vistas a auxiliar nos métodos de preservação ambiental.

Assim, a medida que materiais como o papel, tão indispensável à grande parte das atividades contemporâneas, pode ser voltado à proposta de produção artesanal no museu, visto que, proporcionalmente esse produto possui um consumo elevado.

Desta forma a pesquisa enfoca um panorama sustentável, com possibilidades de aliar Instituição Museu / Educação ambiental atribuindo a produção do papel como forma de valorização, e propiciador de benefícios ecológicos de preservação ambiental, aliado a uma fonte de renda para a comunidade. Em virtude dessa situação, cada cidadão tem uma parcela de responsabilidade na preservação ambiental.

A ação na instituição museológica interessadas em desenvolver um trabalho de reciclagem tem como objetivo levar os visitantes a se conscientizarem e ao mesmo tempo se sentirem coautores da melhoria da qualidade de vida ambiental, onde cada cidadão tem sua parcela de responsabilidade.

Frente a esta premissa, a instituição museológica ao propor a oficina de papel artesanal oferece oportunidade aos visitantes de socializarem um espaço no qual todos participam e aprendem a importância do ato de reduzir, reaproveitar e reciclar papel, e ainda, aproveitar os rejeitos de vegetais – bagaço de cana, bananeira, fibra do coco verde e outros - como matéria prima para se produzir o papel artesanal.

O uso do papel reciclado e ou papel artesanal é extremamente amplo, utilizado na criação de agendas, cadernos, blocos, risque-rabisque, álbuns fotográficos etc, enfim, oferece um leque de possibilidades conforme criatividade de cada pessoa, perpetuando a consciência ecológica, e praticando alternativas de preservação.

Acredita-se que o tema sustentabilidade, pela sua gravidade, deve estar inserido em diversas instituições museológicas, ressaltando que a consciência para o meio ambiente tem dupla finalidade, ou seja, formar intelectualmente os cidadãos e torná-los democráticos e conscientes de suas responsabilidades.

A proposta da oficina no espaço do museu busca a implantação do Programa que vise (Repensar, Reduzir, Recriar, Reutilizar e Reciclar) visto que trabalha diretamente com a mudança de cultura e com o modo com que cada colaborador deve passar a perceber suas atividades. Muda-se a filosofia de trabalho, o cotidiano etc. exigindo que cada colaborador tenha uma visão holística do processo que abrange todo o entorno do seu trabalho.

A pesquisa foi embasada em renomados autores que tratam sobre as propostas de Educação Ambiental e sustentabilidade na instituição Museológica e a oficina de papel reciclado - artesanal, como uma ação que agrega valores com foco na responsabilidade social e cidadania. Trata-se de um fator imprescindível para que se tenha um planeta equilibrado.

Portanto optou-se por uma revisão bibliográfica descritiva e investigativa, a qual faz uma reflexão nas diversas teorias que tratam o assunto em questão, embasando conhecimentos por meio da proposta de oficinas e análise dos dados empíricos, para posteriormente ser aperfeiçoado com a leitura de teóricos, que defendem o assunto.

Considera-se no processo de pesquisa, a descoberta que por meio dos questionamentos, vai ampliando o saber vigente, acerca de novas relações que se estabelecem novo o conhecimento, e assim, aprofundar fatos já conhecidos. (DEMO, 2001 p. 54).

Conforme o autor, nesse tipo de pesquisa, o investigador assume o papel de observador e explorador, coletando diretamente os dados no local (trabalho de campo) em que se deram ou surgiram os fatos. Assim pesquisa de campo pode ser realizada por meio de observação direta, evidenciando detalhar e atualizar, algum conhecimento pré-existente, servindo basicamente para representar a população do local estudado.

Para Marconi e Lakatos (2010) “por meio desse tipo de estudo como o nome indica, o principal objetivo da pesquisa exploratória é explorar um problema para fornecer informações para uma investigação mais precisa, mediante as respostas dos colaboradores”.

Assim, o trabalho se caracteriza predominantemente, pelos dados investigativos, uma vez que a pesquisadora busca a informação de coleta dos dados, utilizando a observação e registro para fins de exploração associadas às análises documentais, entre outros registros desenvolvidos no decorrer do processo de fabricação do papel.

Diante deste pressuposto, evidencia-se o espaço museal como ponto de partida para a sustentabilidade que por meio da proposta de oficina de papel, apresenta o material selecionado frente à documentação necessária e embasados nos referenciais teóricos, os quais colocam a pesquisadora em contato direto com a realidade da temática em questão. Para isso me ancorarei em dois pontos: primeiro, a visita ao atelier da papeleira Maucia Vieira, na cidade de Uberlândia -MG para conhecer o passo a passo do processo artesanal descrito no corpo desse trabalho seguido de fotos ilustrativas a ver no capítulo III.

Num segundo momento tomei conhecimento por meio de palestras ministradas na Semana do Museu-UFG -2015 pelo ICOM (Conselho Internacional de Museus) o qual enfatizou o importante papel dos museus no processo de fomento à sustentabilidade por meio de suas boas práticas de atuação.

No evento O IBRAM Instituto Brasileiro de Museus buscou acatar a proposta, a fim de sensibilizar a comunidade em relação à sustentabilidade e a necessidade de uma sociedade mais cooperativa e solidária, uma vez que teve como requisito de discussão a possibilidade de viver o equilíbrio com os recursos disponíveis de modo a oferecer ao planeta o estabelecimento de uma relação economicamente viável ao mundo.

Segundo ao ICOM, “um dos desafios contemporâneos mais importantes, compartilhado por pessoas em todo o mundo, é adaptar-se às novas formas de vida e desenvolvimento dentro dos limites da natureza”. Nesse contexto, considerou-se que faz-se necessário pensar novas formas de ações, necessárias para a transição para uma sociedade sustentável.

No contexto, o evento foi discutido as ações desenvolvidas na “Vila Estrutural” de Brasília-DF entre as comunidades locais por meio do Programa “Ponto de Memória,” visando o trabalho dos catadores de reciclados e cidadania como meio de transformação e qualidade de vida do território, lembrando Vergara (2011, p. 159), que diz “*a pesquisa exploratória proporciona maior familiaridade com o problema*”, bem como as ações voltadas para agregar os valores relacionados às questões ambientais e a conscientização da reciclagem.

Deste modo, a monografia procura em seu primeiro capítulo apresentar o pensamento museológico contemporâneo frente à questão da sustentabilidade.

O segundo capítulo concentra-se na questão da gestão sustentável nos museus, ao passo que o último capítulo apresenta a proposta de oficina de papel reciclado a ser ofertada em instituições museológicas.

Reservam-se para as considerações finais a somatória dos estudos relevantes, bem como reflexões e possibilidades que se abrem ao longo deste estudo.

CAPITULO I - O PENSAMENTO MUSEOLÓGICO CONTEMPORÂNEO FRENTE À QUESTÃO SUSTENTABILIDADE

Este estudo aborda como os aspectos da sustentabilidade que têm sido discutidos no campo da Museologia na atualidade. Tal reflexão parte dos conceitos de sustentabilidade percebida pelos museus no que se refere às atividades ambientais, socioculturais e econômicas.

É necessário ressaltar que os museus têm mostrado a relevância em refletir as questões educativas uma vez que podem comunicar de modo extraordinário e podem atuar com uma plataforma de ações que promovam a preservação do meio ambiente com reflexo de cidadania, a partir de acervos, coleções e exposições as quais são extremamente variadas no contexto das áreas de ciência, tecnologia, artes, etnográficos, imagem som, entre outros campos Museais.

Ao trabalhar essas ações nos espaços museais, a proposta museológica promove a conscientização, bem como a cidadania pautada no futuro de desenvolvimento para a promoção do papel educativo fundamental na construção de uma sociedade democrática, com justiça social e sustentabilidade ambiental.

Conforme CHAGAS (2015, p. 185) “o trabalho precípua do museu é levar o homem à reflexão, é colocá-lo diante de si mesmo e de seu ambiente físico e social”. Nesse sentido busca-se refletir as propostas de educação ambiental na instituição com foco na cidadania.

Diante desta concepção, a questão ambiental se tornou prioridade para a sobrevivência de todos os seres vivos, uma vez que o impacto e a utilização das energias de origem poluentes causam problemas ambientais graves, os quais são discutidos e enfrentados ao longo da história, precisando da intervenção humana para solucioná-los, uma vez que a questão ambiental tem como principal agente causador de danos ao meio ambiente, o próprio homem isento ou desprovido da consciência dos seus atos.

Nessa premissa, a teoria museológica, os museus, especialmente por meio das suas exposições de longa duração, nas quais estão (ou deveriam estar) traduzidas as suas missões (motivos das suas existências), são espaços de elaboração, reelaboração, preservação e comunicação das memórias individuais e coletivas e até mesmo as laboratoriais.

Vale ressaltar que o atual conceito de museus há muito deixou de ser considerados locais estagnados e destinados a guardar coisas velhas, para tornarem-se como espaços dinâmicos de transformações.

Segundo Gonçalves (2005, p.8) “o campo de atuação da instituição museu renovou-se no decorrer dos anos e tornou-se muito mais amplo, desenvolvendo, principalmente a partir da segunda metade do século XX, mecanismos de aproximação com a sociedade”.

Nesse sentido pensar a instituição museológica sob a ótica de uma sociedade sustentável torna-se um grande desafio da vida contemporânea. Trata-se de refletir sobre o uso cauteloso dos recursos planetários naturais, bem como o respeito aos sistemas biológicos e o equilíbrio entre o meio ambiente e as comunidades humanas.

Dessa maneira, Chagas (1996, p. 91) nos fala que o sentido de preservação está na vida e no uso social do bem cultural que pode servir como referência de memória, educação, conhecimento, transformação, sobrevivência e lazer.

O autor supracitado ressalta ainda que trabalhar historicamente o passado não significa conhecê-lo realmente, mas sim apropriar-se de uma reminiscência, em especial quando esta aparece em um momento de perigo.

Assim, compreendemos, portanto, que o compartilhamento da memória, principalmente diversificado culturalmente, conduz as relações interpessoais mais próximas, levando essa sociedade a ser mais cidadã e solidária.

A sustentabilidade no seu movimento interior, envolve questões como o fortalecimento das tradições locais, da identidade e dos laços de pertencimento; a melhoria da qualidade de vida da população; a distribuição de renda mais igualitária e a diminuição das diferenças sociais, com participação e organização popular.

Sob essa perspectiva, os museus podem, por exemplo, promover atividades de conscientização sobre a corresponsabilidade individual para a construção da coletividade e a importância da participação comunitária, da economia solidária e criativa, além de valorizar a cultura local, de modo a fomentar o equilíbrio entre tradição e inovação.

Neste contexto, a relação entre os museus e o ambiente provoca algumas interrogações para reflexão. A primeira é saber de que modo a instituição museológica reflete sobre a preservação ambiental e em que áreas específicas devem atuar e contribuem para tal.

Nessa premissa é importante averiguar em que medida se relaciona estas preocupações com a definição de Museologia e o seu campo de estudo, visto a relação entre a preservação ambiental e a patrimonial, é uma das funções base da Museologia.

Face aos sinais de degradação ambiental que se foram tornando evidentes, verificou-se que as preocupações inerentes ganharam contornos de grande empenho na estabilização do meio ambiente e nesse sentido começaram a ser promovidos debates mundiais de onde

surgiram, na década de sessenta do século passado com o desenvolvimento da ecologia na preservação do patrimônio natural.

1.1 As dimensões da sustentabilidade aplicadas ao museu

O patrimônio cultural desempenha uma função estratégica no conhecimento do território e das pessoas, capaz de mobilizar esforços para o desenvolvimento comunitário, uma vez que os eminentes sinais de desequilíbrio ambiental sinalizados pelo planeta desde meados do século XX vêm desencadeando discussões nos diversos setores da sociedade, incluindo setores ligados à museologia e à conservação do patrimônio.

“O setor museal em busca do equilíbrio entre as dimensões da sustentabilidade, busca assegurar a nossa continuidade na Terra, a das gerações futuras, nesse contexto O patrimônio é, por natureza, dinâmico, um processo em constante evolução. É o resultado, material e imaterial, da atividade criadora contínua e conjunta do homem e da natureza” (VARINE, 2013 p 48).

Nesse sentido o desenvolvimento para as ações de cunho sustentável deve ter como horizonte o crescimento econômico, preservação da natureza e justiça social, conciliando o espaço museológico como uma ponte que liga o projeto de desenvolvimento à população alvo.

A ao refletir o papel do museu na contemporaneidade e, principalmente, do patrimônio cultural, percebe-se que a função de ambos incide no processo de desenvolvimento humano.

Diante desta perspectiva, Varine (2013, p. 26) afirma “partir da compreensão de patrimônio comunitário o desenvolvimento sustentável deve ser planejado, para que possa ser durável e não se fragilize”. Assim, a sociedade que conhece seu passado, cuida dos espaços físicos e memoriais como um bem necessário a sua riqueza intelectual.

Chagas (2015, p. 9) defende que “os museus precisam, em primeiro lugar, assumir como pauta prioritária a questão da ‘sustentabilidade ambiental’ nos termos em que aqui estamos examinando, e, em seguida, lançar mão de todos os seus recursos (que não poucos) a favor dessa causa”.

Para o autor acima citado, as contribuições de um museu para uma sociedade sustentável podem ser singulares, inovadoras, preciosas e mesmo extraordinárias. Tudo vai depender do lugar social que esse museu ocupa e das energias e forças criativas que é capaz de movimentar.

Portanto a sustentabilidade ambiental trabalhada como proposta em museus, devem estimular discussões sobre educação ambiental pública e dar o exemplo de práticas ambientais

no sentido de sensibilizar o público de suas ações cotidianas, ressaltando que o meio ambiente exerce impacto em cada aspecto da cultura humana.

Assim, a utilização de materiais recicláveis em todas as obras visa estimular a reflexão do público sobre o descarte do lixo, que pode ser reutilizado e transformado em diversas expressões artísticas, reafirma a proposta de função social e fomentação do diálogo com a comunidade, e fortalece a existência e o compromisso com a sustentabilidade.

É responsabilidade social e coletiva de todos preservarem o maior patrimônio do planeta, o “meio ambiente”, e é preciso que haja a efetivação das leis por parte dos órgãos competentes e a sociedade como um todo.

A preocupação com o desenvolvimento sustentável representa a possibilidade de garantir mudanças sociopolíticas que não comprometam os sistemas ecológicos e sociais que sustentam as comunidades. Nessa visão, a sustentabilidade do planeta depende da confluência das ações de todos, visto que a ética do cuidado com a Terra aplica-se para todos com princípios de cidadania.

Muitos são os desafios relacionados à complexidade das relações sociais, econômicas e culturais em meio às diversidades étnicas e ambientais, os quais buscam repostas e soluções que atendam a Programas e políticas de educação.

Conforme VARINE (2013, p. 27):

“O homem compartilha com seus iguais e com o meio ambiente seu patrimônio privado e coletivo, seja ele uma propriedade, uma paisagem, memórias, tradições e saberes; seja a fauna, a flora, o relevo, as cachoeiras e os minérios, por exemplo. Esse patrimônio é transmitido de geração em geração, o que significa que seus herdeiros devem administrá-lo: conservar, no sentido físico do termo, não é suficiente. É preciso fazê-lo viver, produzir, transformar-se, para permanecer útil”.

Como ressalta o autor, as dimensões da sustentabilidade estão intimamente ligadas a humanidade, visto que enquanto houver desigualdade, haverá desequilíbrio ambiental e crise social. As ações e propostas devem ser criadas e implantadas em todas as dimensões de melhorias sustentáveis .

A dificuldade está na mudança paradigmática que deve ocorrer em nível global, na tomada de consciência e mudanças de hábitos referentes ao meio ambiente, a sustentabilidade ecológica, que propõe o uso dos ecossistemas com sua destruição mínima. Dessa forma, permite que a natureza reestabeleça equilíbrio de recomposição diante da utilização dos recursos obedecendo ao ciclo natural da vida e da renovação.

Conforme Artigo 2º da Convenção sobre Diversidade Biológica (apud Chagas, 2015, p. 46)

“Art. 2. - A biodiversidade pode ser definida como a variedade e a variabilidade existente entre os organismos vivos e as complexidades ecológicas nas quais elas ocorrem. Ela pode ser entendida como uma associação de vários componentes hierárquicos: ecossistema, comunidade, espécies, populações e genes em uma área definida. A biodiversidade varia com as diferentes regiões ecológicas, sendo maior nas regiões tropicais do que nos climas temperados”.

Vale destacar que a proteção do meio ambiente é uma extensão natural da original função dos museus de gerir acervos, sendo assim, a instituição não pode alegar estar servindo aos interesses das gerações futuras caso suas instalações forem fonte de impactos negativos ao ambiente.

1.2 Ideologia sustentável eco-museus

A existência de museus tecnicamente estruturados, com tecnologias e de grandes processos de comunicação, é um fenômeno recente. Nesse cenário de avanços, nas últimas décadas, a ideia de eco museu está inserida numa perspectiva voltada para o desenvolvimento sustentável, com uma visão ampla de conhecimentos nas ações museais.

Conforme Varine (2013), o conceito de eco museu se baseia nas definições da "Nova Museologia, a qual os membros de uma comunidade tornam-se atores do processo de formulação, execução e manutenção do mesmo, sendo ou podendo ser em algum momento, assessorados por um Museólogo”.

Nesse sentido Varine (2013) ressalta: "O novo museu" é diferente do "museu" tradicional e pode ser conhecido em três vértices: uma vertente é o realce dado ao território, seja meio ambiente ou local, em vez de se realçar o prédio institucional; outro ponto está na ênfase colocada no patrimônio, em vez de ser dada à coleção; por fim, a importância dada comunidade em oposição ao enfoque dado aos visitantes nos museus tradicionais.

Assim, o museu se insere na perspectiva de um ambiente que está vinculado ao uso das ações de socialização, promoção da identidade, cidadania e dinamismo. Diante desta premissa, ao aprofundar conhecimentos sobre sustentabilidade, porém, é necessário conhecer as dimensões do processo prioritário que é a conscientização.

Portanto as contribuições de um museu para uma sociedade sustentável podem ser singulares, inovadoras, preciosas e mesmo extraordinárias, uma vez que visa discutir o papel social que esse museu ocupa bem como das energias e forças criativas que é capaz de movimentar, buscando estimular discussões sobre educação ambiental pública e assim, sensibilizar o público de suas ações cotidianas, ressaltando que o meio ambiente exerce impacto em cada aspecto da cultura humana.

Assim, a utilização de materiais recicláveis em todas as obras visa estimular a reflexão do público sobre o descarte do lixo, que pode ser reutilizado e transformado em expressão artística, uma vez que as instituições reafirmam a proposta da função social e fomentação do diálogo com a comunidade, a fim de fortalecer a existência e o compromisso com a sustentabilidade.

A preocupação com o desenvolvimento sustentável representa a possibilidade de garantir mudanças sociopolíticas que não comprometam os sistemas ecológicos e sociais que sustentam as comunidades.

Nessa visão, a sustentabilidade do planeta depende da confluência das ações de todos, visto que a ética do cuidado com a Terra aplica-se para todos com princípios de cidadania, em outras palavras, a ideia de sustentabilidade visa à sociedade do século XXI como sociedade com novos valores, e um deles é a consciência ambiental, que requer pessoas conscientes, e porque não dizer: cidadãos sustentáveis.

CAPÍTULO II - GESTÃO SUSTENTÁVEL DE MUSEUS NO SÉCULO XXI

Este capítulo aborda a necessidade de reflexão sobre a prática museológica quando relacionada ao papel dos museus e o ensino da museologia no século XXI, a fim de ampliar os conhecimentos frente às questões socioambientais e da educação ambiental nos espaços museais, visto que os museus têm se tornado instituições de grande sucesso em todo mundo contemporâneo.

No mundo contemporâneo, o papel do Museu não se limita a ser o “guardião” da herança cultural do passado. O Museu é um espaço de reflexão, discussão, de debates sobre as questões que nos inquietam no presente e, ao mesmo tempo, pode servir de ‘abrigo’ a elas, transpassando os tempos, auxiliando os cidadãos a construir um mundo mais sustentável. (CHAGAS, 2015, p. 89)

Vale ressaltar que esse crescimento se dá por diversos fatores, entre eles, está o novo papel das instituições museológicas na educação, mas também por servir melhor as necessidades da sociedade. Destaca-se ainda, a expansão das coleções, se tornarem memórias, e são valorizados pela sociedade.

Nesse contexto, os museus enquanto instituições reformularam a sua postura tradicional que se definia pelo seu papel educativo e adaptam-se aos hábitos contemporâneos que encaram a cultura como bem de consumo. Assim, o novo ‘modelo’ de museu tem a preocupação de estruturar políticas culturais inovadoras e estimulantes, uma vez que as funções vinculam-se mais a uma atividade operacional, os propósitos são calcados em valores e revelam a política cultural da instituição.

Diante desta perspectiva, a política cultural que norteia as funções do museu, tem as suas múltiplas faces as quais evidenciam um universo museológico em mutação constante, principalmente nas últimas décadas.

São perceptíveis as transformações de conteúdo e forma dessas instituições, como também se constata um esforço metodológico, na busca de novos caminhos capaz de aproximar mais rapidamente a sociedade dos museus.

No início da década de 1990, sob a influência do Movimento Internacional da Nova Museologia (MINOM), os profissionais envolvidos na construção e reconstrução dos museus brasileiros passaram a buscar novas formas de preservar e apresentar suas coleções.

Conforme Chagas, (1994 p 46)O MINOM propõe que as instituições a serviço da empresa colonialista, os museus deveriam transmutar-se em lugares nos quais diferentes

grupos sociais tivessem expressão nas quais fossem contempladas as responsabilidades educativas da forma o mais democrático possível.

2.1 Museus, Museologia e Ambiente.

O patrimônio natural e o cultural necessitam de estar integrados num ambiente apropriado com condições específicas para cada caso concreto de forma que a sua preservação e durabilidade se prolongue.

Vale ressaltar a existência de fatores que interferem direta ou indiretamente na sua degradação, provocando efeitos negativos a um ritmo mais ou menos acelerado. Estes estão claramente identificados, face à ampla informação disponível sobre os cuidados de prevenção a se levar em conta, em termos ambientais; uma vez identificados torna-se necessário criar condições próprias em cada local e para cada tipo de acervo que se quer preservar. Exemplo: adaptação de sombrites, cortinas ou persianas nas janelas para inibir a inserção de luz solar, poeira e chuvas no ambiente: limpeza adequada no chão, nas paredes e nas peças expostas e outros condicionantes.

Ao mencionar a questão ambiental, Arpin (1992) destaca que apesar da sensibilização para o tema, a sociedade de consumo não mostra evidências de modificações nos hábitos e na cultura. Isto implica dizer que esta questão tem que ser tratada a partir da complementaridade das dimensões política, científica, técnica, econômica e ética.

“Como instituição pública o museu se inscreve numa dinâmica – do meio ambiente – onde se encontram conhecimento e ação, o privado e o público, o individual e o coletivo, o singular e o plural. E tudo será à maneira do museu: em respeitar a liberdade do visitante, em privilegiar o conhecimento, em fornecer a justa informação, em utilizar a sua linguagem e seus meios específicos de comunicação, e em colocar a fantasia, que é o inverso a pregar “(ARPIN, 1992, p. 139)

A abordagem museológica do patrimônio e meio ambiente se configura de forma contingente a relação sociedade-meio ambiente que, em última instância, tem sua reflexão manifestada nas transformações visíveis, sobretudo no campo social.

Neste contexto, como afirma Soares (2008:109), “*o meio ambiente é um ‘ser social’ fundamentalmente híbrido fundado nas amplas representações sociais, um ser de linguagem adquirindo sentido no campo do imaginário*”;

Assim, o papel social dos museus diante da conservação do meio ambiente redireciona as abordagens das coleções científicas biológicas para o âmbito da comunicação, na qual as ações com a “preservação da natureza” são mobilizadas para apresentar as mudanças no meio ambiente de forma a ampliar a compreensão do cidadão frente a diversidade no planeta.

Nos caminhos da museologia, pode-se identificar a constituição de um patrimônio que se define temporal e espacialmente nas diferentes formas de conceber e viver a relação sociedade-meio ambiente, congregando assim, processos, estados e representações da natureza, uma vez que a Museologia instaura processos de valorização do universo relacional do objeto ao tempo em que reafirma o seu papel de espaço cultural educativo, valorizando assim, o patrimônio que se ancora nas gerações futuras.

Nesse sentido, remete-nos a importância de refletir o espaço museológico como ambiente que possibilita refletir no plano meta comunicacional, e este, em sintonia com projetos educativos englobando função das gerações futuras com visitas orientadas por um mediador/educador que explica os principais conceitos e informações sobre as atividades desenvolvidas.

2.2 A reciclagem como fator de preservação ambiental e qualidade de vida

Nos últimos anos observa-se um aumento na dificuldade de manter a qualidade de vida da população mundial, que vem enfrentando problemas ambientais graves e de difícil solução. Embora algumas atitudes de manutenção dessa qualidade de vida dependam do poder público, na maioria das vezes persiste o descuido por parte das pessoas, que, em geral omitem sua responsabilidade sobre a degradação ambiental.

A falta de interesse ou responsabilização se dá, em grande parte, em decorrência da falta de envolvimento com a gestão do meio ambiente, mas principalmente da desinformação.

O desafio que se coloca é o de elaborar uma educação ambiental inovadora que seja crítica e voltada para a transformação social, buscando em seu conteúdo relacionar os diversos níveis do homem tanto no campo social, econômico, político, afetivo e educacional.

Assim, para administrar os riscos ambientais existe a necessidade de iniciativas com o objetivo de ampliar a participação das pessoas no processo de preservação e garantir através da divulgação de informações um aumento no nível de consciência com o ambiente.

“A Educação é importante na formação do indivíduo porque abre uma perspectiva vital através do manejo das diversas variáveis da dinâmica da vida, além de conseguir colocá-lo como ser natural e, por sua vez, também como um ser social. Essa dupla visão é a que vai permitir ao indivíduo ser consciente de sua realidade e dinamizar o processo de mudança, buscando sempre o equilíbrio do seu entorno (dimensão ambiental)”. (CHAGAS 1996 p. 99)

Conforme o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), uma sociedade sustentável deve estar em harmonia com os seguintes princípios:

- Respeitar e cuidar da comunidade dos seres vivos;
- Melhorar a qualidade da vida humana;
- Conservar a vitalidade e a diversidade do Planeta Terra;
- Minimizar o esgotamento de recursos não renováveis;
- Permanecer nos limites da capacidade de suporte do Planeta Terra;
- Modificar atitudes e práticas pessoais;
- Permitir que a comunidade cuide do próprio ambiente;
- Gerar uma estrutura nacional para a integração de desenvolvimento e conservação
- Constituir uma aliança global.

Diante desta missão, a essência do “Consumo Sustentável”, visa criar nos consumidores uma consciência ecologicamente seletiva, desenvolvendo dentro do cotidiano novos hábitos de consumo mais responsáveis com menor volume de desperdício. Portanto deve-se educar primeiramente para a redução, afinal nem tudo que consumimos é realmente uma necessidade.

Posteriormente, deve-se educar o cidadão para a reutilização de materiais, uma vez que muito dos produtos que consumimos podem servir para novos usos, visto que a introdução desta prática em nossas vidas, minimizam os impactos dos descartáveis.

Assim, o consumo sustentável está intrinsicamente associado à reciclagem dos resíduos gerados, ou seja, introduzindo-os novamente no sistema produtivo como novos produtos.

É necessário mobilizar a comunidade para sua participação efetiva e ativa na implantação da coleta seletiva de resíduos sólidos, separando os materiais recicláveis e/ou reutilizáveis diretamente na fonte de geração e descartando-os seletivamente.

Por outro lado, para que a coleta seletiva seja colocada em prática, é preciso incentivar a implantação de projetos que visem à organização de catadores de resíduos, os quais são os mais afetados pela ausência de políticas públicas e pelo contato direto com o lixo, diariamente sujeitos à contaminação e doenças. Visto que, qualquer programa de coleta seletiva que se preza deve envolver diretamente os catadores que sobrevivem e tiram seu sustento da comercialização dos materiais recicláveis, muitos deles e morando trabalhando nos lixões conforme relatado na “Vila Estrutural” – Brasília –DF.

A conscientização destes problemas ambientais através de uma campanha de linguagem simples, com imagens pode levar a população a contribuir para a melhoria das condições do meio ambiente e da qualidade de vida. Para se conseguir isto, é necessário

conscientizar a todos de sua importância vital no programa de coleta seletiva. Assim, a partir do momento que buscam valorizar a ação sustentável frente aos benefícios da reciclagem, conseqüentemente vai melhorar a qualidade de vida no planeta.

2.3 Pontos de Memória

O Programa Pontos de Memória identifica e dissemina metodologias da Museologia aplicadas a realidades bastante diversas, embora têm em comum os desafios sociais, o vigor de suas memórias e identidades, os anseios de se verem representados no contexto maior da memória brasileira. Comunidades que em um movimento de duplo sentido inspiraram e foram inspiradas pelas instituições museológicas brasileiras e pelo Instituto Brasileiro de Museus a consolidar essas memórias como esteio para ações visando a sua valorização e desenvolvimento.

2.3.1 Movimentos da Vila Estrutural: luta, resistência e conquista - Breve histórico

A Cidade Estrutural nasceu em Brasília em meados da década de 1960, ainda com um pequeno grupo de famílias, localizada próxima às regiões administrativas do Cruzeiro, Guará e ao Plano Piloto da capital federal, onde funciona até hoje o lixão de Brasília. Isto é a Cidade Estrutural nasceu ao redor do lixão e conta hoje com uma população estimada em 40 mil habitantes.

No início da década de 90 a ocupação contava com pouco menos de 100 domicílios localizados ao lado do “lixão”, sendo posteriormente transformada em Vila Estrutural, pertencente à Região Administrativa do Guará.

Em 1989, foi criado o Setor Complementar de Indústria e Abastecimento – SCIA ao lado da Via Estrutural, época em que se previa a remoção da invasão, para outro local. Várias tentativas foram realizadas neste sentido. Em janeiro de 2004, o SCIA foi transformado na Região Administrativa XXV - Lei nº 3.315, tendo a Estrutural como sua sede urbana e também contando com a Cidade do Automóvel, onde está localizada a sede da Administração Regional. Conforme destaca a (Organização dos Estados Ibero-Americanos, Brasília/DF (2016, p. 61). “ O ponto de memória da Estrutural é um museu popular, autogestionário, que reúne lideranças comunitárias e representantes de diversos grupos, coletivos e movimentos da cidade, para pensar e desenvolver ações voltadas a valorização das histórias e memórias locais, como meio de transformação e melhoria de qualidade de vida no território”.

2.3.2 Trajetória do Ponto de Memória

1960	1994	1998	2002	2003
Inauguração de Brasília — Lixão.	Ocupação Estrutural (catadores, em luta por moradia, reuniram-se com o pessoal de Ceilândia).	Eleição de Cristóvão Buarque — grande operação para desocupação da Estrutural. Resultou em mortes (Operação Tornado).	Ocupação desordenada da Estrutural. Preocupação em cuidar da memória.	Deuzani começa a coordenar a alfabetização solidária na Estrutural. Vários grupos COC trabalhavam a questão de guardar a história.
2005	2009	2010		
MECE - Movimento Educação e Cultura da Estrutural. Nasceu para convidar as pessoas a frequentarem a escola e dar continuidade à alfabetização. Cria a "escola aberta, escola livre". Momento de mobilização comunitária (visita de casa em casa) para garantir participação nas audiências sobre educação. Integra o Fórum EJA. DF contabiliza 70 mil analfabetos	É lançado o Projeto Pontos de Memória. Audiência pública na Câmara Legislativa. Teia, aproximação com os outros Pontos de Memória. Café com Memória, construção do Conselho Gestor com 30 pessoas. Participação em vários encontros: Fortaleza, Rio de Janeiro e Salvador.	IV Fórum de Museus: passa a conhecer outras iniciativas e a professora de Museologia da UnB Silmara Kuster, que se tornou parceira. Parceria com a UnB. Oficinas de formação. Café com Memória, Conselhos, viagens.		
2011	2012	2013		
Inauguração da sede do Ponto de Memória e movimentos de cultura. 1ª exposição. Realização de Museu Cortejo na Estrutural. Teatro de bonecos com história da Estrutural: mais de 500 visitas na Estrutural. Criação da editora popular. Levantamento de 16 histórias orais; extensão com universidade. Participação no edital do Prêmio Pontos de Memória, com a conquista da construção da biblioteca comunitária. Aquisição de equipamentos para registro das experiências (câmera, computador e filmadora.)	2ª Exposição com o seminário "Mulher e a Cidade".	Relatório final, lançamento do vídeo, visita de Hugues de Varine e participação no V Fórum de Museus em Petrópolis		

Figura 01 – Trajetória do ponto de memória. Fonte: Organização dos Estados Ibero-Americanos, Brasília/DF (2016, p. 80)

Como conquistas, o Ponto de Memória da Estrutural destacou a aproximação com a comunidade por meio do Edital Prêmio Pontos de Memória, do qual participou em 2011 e 2012, que possibilitou a aquisição de equipamentos para o registro da memória local.

Apontaram a dificuldade da comunidade em reconhecer o “valor da memória” local e também a manutenção de parcerias, como barreiras que devem ser superadas. Como lição aprendida, citou-se o conhecimento da história do Distrito Federal e o compartilhamento das experiências com outras comunidades.

Conforme descrito no Manual de Ponto de Memória -2016

A luta da Vila Estrutural pelo reconhecimento de direitos, também é no sentido de preservar e usufruir de tudo que se tem construído e conquistado com a concepção da memória como instrumento político para firmar a identidade territorial; a realização do inventário participativo pelos próprios moradores; a memória social constituída como mística ao movimento social; o resgate de agentes comunitários antigos.

A etapa de sensibilização comunitária tem como objetivo mobilizar e envolver as comunidades em torno de questões que perpassam os temas museu, memória, cidadania,

direito à memória, políticas culturais, bem como as ações e os objetivos do Programa Pontos de Memória. É considerada de alta relevância para o início do trabalho na comunidade, pois é o momento em que os diferentes grupos e representações locais são convocados a discutir e manifestar o desejo em desenvolver ações e projetos de Museologia Social na comunidade.

Frente a essa perspectiva as ações museais compreendem todas as formas e processos criativos de atividades comunitárias de registro, reconhecimento e valorização da memória local, realizadas e promovidas pelos Pontos de Memória.

São as rodas e chás de memória, museus-cortejo, exposições itinerantes, grafites, festivais musicais, saraus, feiras de Gastronomia, campeonatos infantis de pesquisa e história, dentre outras ações diretas e indiretas que envolvem a comunidade na valorização de suas referências culturais, identidades, memórias e tradições locais. A realização de ações museais estão sempre em pauta nos Pontos de Memória, pois elas conectam as iniciativas às comunidades, convocando seus moradores a se apropriarem, a refletirem e a se empoderarem de diversas formas, de sua memória. (Organização dos Estados Ibero-Americanos, 2016 p.29)

O Ponto de Memória, apoiado por uma série de parceiros, realiza várias atividades de formação em museologia, organizou duas grandes exposições, algumas “Rodas de Memória, cursos de arte para jovens e adultos, dentre outras atividades, e tem colecionado um acervo com depoimentos, documentos, fotos e objetos coletados entre os moradores e considerados representativos sobre as histórias da cidade”.

Ainda que se questione que o projeto Ponto de Memória tenha sido criado a partir de uma iniciativa do governo, não se pode esvaziar o sentido político que a proposta de preservação ganhou, por meio da luta, resistência e conquista: uma experiência museal na cidade Estrutural. Além disso, esse sentido de defesa e preservação da cidade é percebida por dona Maria Abadia¹, moradora e protagonista da história da Cidade Estrutural como “parte da vida de cada catador que todo dia traz para casa objetos, nem sempre em razão de uma utilidade imediata, mas às vezes como parte de uma coleção do que foi e é a Estrutural”

. A coordenação do programa Brasília Sustentável trabalha em duas frentes para a regularização da Estrutural: a urbanização, por meio de obras, e o trabalho social com as famílias que moram no local. As obras são muitas e só serão possíveis graças à liberação da licença ambiental.

¹ **Maria Abadia Teixeira de Jesus**- 63 anos, natural de Unaí MG, residente na Vila Estrutural, Brasília DF. Tem como principal fonte de renda o “lixão” do Distrito Federal. Em parceria com outros moradores catadores do lixo fundou a Associação de Moradores da Estrutural cuja união nasceu uma grande mobilização em favor da Educação, Economia Solidária, Banco e Biblioteca Comunitária. Conhecida também como “Abadia Catadora, Editora” onde editam seus próprios livros voltados para dia a dia dos moradores da Vila Estrutural.

O Programa é resultado de parceria do Ibram/MinC, com os Programas Mais Cultura e Cultura Viva, do Ministério da Cultura, o Programa Nacional de Segurança com Cidadania (Pronasci), do Ministério da Justiça, e a Organização dos Estados Ibero-americanos (OEI).

Assim o destino final do lixo é um dos agravantes da degradação do meio ambiente, muito se fala em coleta seletiva e reciclagem de resíduos sólidos como alternativas para redução do volume de lixo a ser disposto em aterros ou lixões. A reciclagem permite a diminuição da quantidade de lixo produzido e o reaproveitamento de diversos materiais, ajudando a preservar alguns elementos da natureza no processo de reaproveitamento de materiais já transformados.

Os programas de coleta seletiva que se consolidam na Vila vêm se traduzindo também em alternativas de geração de renda para a manutenção e sobrevivência de muitas famílias; como um fator importante para o melhoramento da qualidade e da quantidade dos materiais a serem reciclados. As campanhas educativas desenvolvidas na cidade Estrutural contribuem para mobilizar a comunidade, para sua participação efetiva e ativa na implantação da coleta seletiva de resíduos sólidos, separando os materiais recicláveis e/ou reutilizáveis diretamente na fonte de geração.

Cabe ressaltar o papel da sociedade em geral no desenvolvimento de projetos de Educação Ambiental, que envolvem aqueles que dependem da reciclagem, levando a ideia de que o trabalho por si só não pode ser considerado a solução, mas que a mudança de hábitos e atitudes pode levar a sociedade a tomar medidas mais abrangentes, com ações que minimizem a quantidade de resíduos na própria fonte geradora, consumindo menos e reutilizando embalagens descartáveis, por exemplo.

Os moradores da Estrutural, ao terem que lidar com as dificuldades do trabalho no Lixão, com as discriminações fora da cidade por causa desse trabalho e da vida perto do lixo, encontraram na memória um ato intelectual de dotação de sentido. “Para dona Maria Abadia, o Ponto de Memória é a possibilidade de contar de forma crítica essa história, é a possibilidade de olhar para o que se viveu e poder fazer interpretações e avaliações” (Manual de Ponto de memória -2016). E, assim, o Lixão e os sofrimentos vividos na Estrutural por um processo político de uso da memória vão se tornando motivos de um tipo de orgulho por uma qualidade específica desse lugar, pelo que se exige reconhecimento e reparação.

2.4 Lei que ampara a problemática ambiental: referências de educação ambiental em museus.

A problemática ambiental dos resíduos sólidos é uma realidade desafiadora, diante deste desafio, nasce a importância de compreender o programa PNRS (Política Nacional de Resíduos Sólidos) o qual dispõe, “diretrizes relativas à gestão integrada e ao gerenciamento de resíduos sólidos, incluída os perigos, às responsabilidades dos geradores e do poder público e aos instrumentos econômicos aplicáveis” (art.1º).

A Lei nº 12.305/2010, que instituiu a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), em instrumento essencial na busca de soluções para um dos mais graves problemas ambientais do Brasil, que é o destino dado aos resíduos sólidos, impondo a necessidade premente de substituir os lixões a céu aberto por aterros sanitários como medida de proteção ambiental. A referida Lei representa um grande avanço e desafio para solução de problemas ambientais oriundos da má disposição dos resíduos sólidos no Brasil.

Portanto considera-se que foi importância na elaboração e aprovação dos planos estaduais e municipais de resíduos sólidos que priorizam ações tais como, a coleta seletiva, a reutilização, reciclagem e que dê cumprimento a meta de erradicação dos lixões.

Diante deste marco podemos ressaltar atualmente o exemplo da Vila Estrutural que atua com foco na educação ambiental de forma educativa, lúdica e informal, visto que reforça conteúdos sobre consumo sustentável, reforçados conteúdo sobre o consumo sustentável baseado nos quatro erres (5Rs) que são: Repensar, Reduzir, Recriar, Reutilizar e Reciclar.

Esse tipo de iniciativa reforça nos visitantes a importância de mudar de atitude, frente a uma nova forma de se relacionar com os resíduos que produz, para tornar-se um consumidor responsável visando conservar e preservar o ambiente.

CAPÍTULO III - PROPOSTA DE OFICINAS NOS ESPAÇOS MUSEOLÓGICOS

Para trabalhar a proposta de oficinas nos espaços museológicos considera-se que este, torna-se espaço de percepção crescente, dada a importância do trabalho de mediação e comunicação com o público não só nos seus aspectos de conteúdo, mas também na sua organização, a sua arquitetura e função social.

A proposta apresentada nesse estudo tem em específico, uma abordagem elaborada com o auxílio da artesã Maucia Vieira dos Reis, papeleira. Será composto de instruções quanto a forma correta de se trabalhar e chegar ao objetivo final que é incentivar a fabricação do papel artesanal.

Exibiremos um vídeo referente a uma reportagem da trajetória desta artesã, no qual explica o processo para a fabricação do papel.

Faremos uma pesquisa se esse tipo de projeto já foi realizado, onde, qual foi sua aceitação perante o público e seus resultados.

Nosso pensamento para realizar esta oficina no espaço museal, além da conscientização do público com a necessidade da reciclagem, é mostrar que o museu é da comunidade e que está aberto para qualquer ação educacional, trazendo desta forma o público ao convívio direto com a instituição.

Diante de tais considerações, a fabricação do papel a partir do bagaço de cana, torna-se uma ação para educação ambiental, buscando despertar nos participantes a consciência de que o ser humano é responsável também pela conservação do meio ambiente.

Para a realização desta oficina, foi feito um levantamento dos materiais necessários, analisando as melhores formas de alcançar objetivo: espaço físico, horários, bem como a relação das pessoas envolvidas para elaboração de roteiros para as atividades.

O projeto da oficina de papel reciclado/artesanal tem como público alvo, alunos da rede pública de educação, comunidades visitantes e o público em geral mediante um cronograma viável e acolhedor.

Segundo Vasconcelos (2001) o conceito da oficina, constitui-se em um espaço de construção coletiva do conhecimento, de análise da realidade, de um confronto e troca de experiências. A atividade, a participação, a socialização da palavra, a vivência de situações concretas através de sociodramas, análise de acontecimentos, a leitura e a discussão de textos,

o trabalho com distintas expressões da cultura popular, são elementos fundamentais na dinâmica das oficinas pedagógicas.

Diante da proposta de produção do papel artesanal /ecológico, considera-se uma das ferramentas para a transformação do meio ambiente equilibrado, objetivando um progresso ecologicamente sustentável, visto que o trabalho em si é eficaz, e pode ser uma fonte de renda para as comunidades.

A arte de fazer papel artesanal pode ser dividida em duas categorias ou duas formas de produção: o papel reciclado e o papel artesanal. No caso da proposta em questão, a pesquisa apresenta o papel artesanal.

O papel reciclado é feito de aparas de papel descartadas no lixo: folhas sulfite, caixas de papelão, cartelas de ovos, cadernos escolares, papel craft, sacos de cimento etc. E o papel artesanal tem como matéria prima as fibras de restos vegetais: bagaço de cana, bambu, bananeira, taboa, lírio do brejo, côco verde etc, facilmente encontradas na natureza por descarte.

Elementos como flores, folhas, sementes são fartamente utilizados na confecção do papel, seja ele reciclado e ou artesanal para decorar e tingir a fibra celulósica tornando cada folha em peças únicas. Como vê, a matéria prima que fornece a celulose para a confecção do papel artesanal é de baixíssimo custo e, conseqüentemente, propicia uma maior economia para quem trabalhar na sua confecção. Podemos encontrar ainda várias opções de reciclar o papel, seja no comércio, escolas ou em escritórios que podem optar pela campanha de reaproveitamento de papéis como jornais, revistas, fotocópias, folhas de caderno, etc.

Por meio do re-aproveitamento de material rico em celulose é possível produzir novos objetos e dar ao lixo uma outra destinação. Neste movimento pode-se afirmar que o *lixo se transforma em luxo*.

Para divulgar a campanha a Instituição museológica tem a seu favor o grande alcance das redes sociais, ministrar palestras sobre novas formas de re-aproveitar o papel, bem como elaboração de marketing de reciclagem visando diminuir o volume do lixo; racionalizar o uso da folha de papel evitando o desperdício e principalmente disseminando que o papel industrial é feito da polpa da madeira (o pinho e o Eucalipto). Lembrando ainda que para tal corta-se árvores em quantidade cada vez maior para alimentar o uso indiscriminado do papel e conseqüentemente prejudicando o meio ambiente.

A oficina tem por objetivo transmitir a técnica da reciclagem de papel favorecendo reflexões e discussões sobre temas da educação ambiental, o papel de cada sujeito na preservação do nosso sistema ecológico e o que a partir disso pode ser vivenciado no

cotidiano com princípio de cidadania bem como utilizar o papel reciclado e outros materiais reutilizáveis como processo artístico e criativo. Assim como abre portas para o empreendedorismo.

3.1 Atividades propostas na oficina de papel: passo a passo

A proposta educativa da oficina de papel no museu busca no primeiro momento um informativo, privilegiando-se a importância das sonoridades e das texturas do papel, a fim de proporcionar ao público o conhecimento da História do Papel, a partir da interiorização das condições técnicas de produção e dos conteúdos da exposição permanente, permitindo uma percepção real do processo de fabricação, a partir de réplicas à escala das principais peças deste processo.

O espaço expositivo, materiais utilizados, (matéria prima) possibilitará ao público estar em contato direto com a oficina, incentivando a produção local e contribuindo na formação cultural.

➤ Passo a passo do papel reciclado/artesanal

O papel artesanal é obtido seguindo as etapas: Obtenção e seleção de matéria-prima; cozimento, lavagem das fibras em temperatura ambiente e água corrente, liquefação das fibras, pescagem das folhas, secagem das folhas em meia sombra, prensagem e acondicionamento adequado.

3.1.1 Recursos utilizados na oficina

➤ Materiais

- Aparas de papel ou polpa de fibra vegetal
- Baldes
- Liquidificador
- Água e energia elétrica
- Tela fixa no suporte de madeira (bastidor)
- Limitador (bastidor sem tela)
- Bacia para aparar a solução e que permita manusear o bastidor dentro dela
- Cola branca

- Martelo de borracha
- Espaço para secar as telas
- Prensa ou duas tábuas planas para prensar o papel
- Pigmentos coloridos
- Luvas e óculos protetor

➤ **Modo de fazer o papel reciclado**

- Selecionar as aparas de papel
- Colocar de molho por oito horas no mínimo



Foto 1 – Aparas de papel de molho por um período de 08h.

- Colocar o papel molhado aos poucos no liquidificador na proporção de uma medida de papel molhado para três medidas de água e bater por uns três minutos



Foto 2 – Processo de liquidificação de aparas de papel, após o molho.

- Preparar uma bacia com três quartos de água ou até cobrir metade da tela (bastidor) e acrescentar parte da polpa liquidificada
- Acrescentar uma medida de cola, o pigmento colorido desejado, flores, folhas, casca de cebola para decorar o papel, misturar bem.



Foto 3 - Polpa de bagaço de cana de açúcar pronta para uso.

- Preparar a tela com o limitador e mergulhá-la na solução
- Fazer movimentos em oito com a tela imersa



Foto 4 - Papeleira Maucia Vieira dos Reis² em processo de “pescagem” para formação da folha de papel.

- Retirar a tela e levar à meia sombra para secar em 45° graus



Foto 5 - Bastidores secando à meia sombra.

² **Maucia Vieira dos Reis**, 66 anos, residente em Uberlândia MG, Mestre em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia. Aposentada, artesã e atualmente dedica o seu tempo na arte de fazer Papel Reciclado-Artesanal

- Após secar, retirar a folha com cuidado a partir das bordas e levar para a prensa.



Foto 6 – Folhas de papel artesanal.

- Resultado final:



Foto 7 – Flores de papel artesanal.

➤ **Modo de fazer o papel artesanal**

- Selecionar a fibra desejada, bagaço de cana, bananeira etc
- Cortar a fibra em pedaços pequenos para facilitar o manuseio
- Colocar os cortes obtidos em um caldeirão de ágata ou inox
- Cobrir com água
- Diluir proporcionalmente três colheres de sopa de soda caustica no caldeirão com a fibra e água
- Levar ao fogo por três horas de cozimento ou mais ou até conseguir o ponto desejado
- Descansar em temperatura ambiente
- Cobrir uma peneira com panos velhos que permita escorrer a água e ao mesmo tempo reter a fibra- celulose e colocá-la debaixo da torneira
- Colocar as luvas para proteção das mãos e colocar os óculos de proteção
- Colocar aos poucos a fibra na peneira previamente forrada, abrir a torneira, mexer a massa uniformemente até o líquido do cozimento mudar de cor e reservar
- Após lavar toda a massa, colocá-la em um balde com água limpa e diluir um copo americano de vinagre branco e aguardar por no mínimo meia hora.
- Levar a fibra aos poucos para peneira forrada e fazer o mesmo procedimento de lavagem para retirar o excesso do vinagre
- Colocar, de forma proporcional, a polpa no liquidificador e bater por três minutos.
- Seguir com o mesmo procedimento do papel reciclado descrito acima, isto é: preparar uma bacia com água, diluir parte da polpa, colocar a cola, etc.

Obs. A oficina de papel deve ser realizada em um espaço não muito pequeno, com acesso à água, energia e área para secagem das folhas, uma vez que há de se respeitar o tempo natural da sua formação ou drenagem. Isto é, uma oficina de papel exige uma preparação metódica e obedece seu próprio curso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

São muitos os aprendizados e reflexões que este estudo possibilitou, uma vez que a conceituação de sociedade sustentável está em constante formação e exige a elaboração de novos paradigmas que se baseiam na necessidade de compreender que a educação Ambiental é o instrumento capaz de transformar ideias, valores e costumes, e é nesse contexto que devemos investir na educação como veículo transformador do mundo que vivemos lembrando que a necessidade de cuidar, preservar e conservar, não é só *dever* do Estado, mas também da sociedade.

Diante desta perspectiva, a metodologia da oficina pedagógica aplicada ao espaço museológico é mais uma ação participativa, criadora, coletiva e crítica, através de um jeito sustentável para agregar valores.

É necessário ressaltar que os museus tem mostrado a relevância em refletir as questões da educação socioambientais uma vez que podem comunicar de modo extraordinário e podem atuar com uma plataforma de ações que promovam a preservação do meio ambiente, educação ambiental e cidadania a partir de acervos, coleções e exposições extremamente variada: históricas, de ciência e tecnologia, artes, etnográficos, da imagem e do som, arqueológicos, e eco museus.

Sob essa perspectiva, os museus podem, por exemplo, promover atividades de conscientização sobre a corresponsabilidade sustentável, resgatando a importância da participação comunitária, da economia solidária e criativa, além de valorizar a cultura local, de modo a fomentar o equilíbrio entre tradição e inovação.

Faz se necessário ressaltar que à política cultural que norteia as funções do museu, tem as suas múltiplas faces as quais evidenciam que o universo museológico está em mutação constante, principalmente nas últimas décadas. São perceptíveis as transformações de conteúdo e forma dessas instituições, como também se constata um esforço metodológico, na busca de novos caminhos que possam aproximar mais rapidamente a sociedade dos museus.

O desafio que se coloca é o de elaborar uma educação ambiental inovadora que seja crítica e voltada para a transformação social, buscando em seu conteúdo relacionar os diversos níveis do homem tanto no campo social, econômico, político, afetivo e educacional.

Assim, para administrar os riscos ambientais existe a necessidade de iniciativas ousadas com o objetivo de ampliar a participação das pessoas no processo de preservação e garantir por meio da divulgação de informações um aumento no nível de consciência

ambiental.

A instituição museológica torna um espaço de ação, reflexão e ação, articulando o cotidiano e a história, possibilitando que o público contextualize a realidade, problematizando-a, e se colocando como sujeito da sua própria história.

No contexto atual, faz-se necessário trabalhar a conscientização a respeito da reutilização dos materiais, pois este já pode ser utilizado como matéria-prima para a criação dos mais diversos utensílios. Portanto quando a população fica ciente do seu poder e seu dever de separar o lixo, passam a contribuir mais ativamente no programa reduzindo o volume do lixo e quiçá extinguir os lixões.

Levando em consideração que o homem excede na utilização da natureza na busca de atender suas necessidades, de forma não consciente a tendência é aumentar consideravelmente os resíduos no meio ambiente. Assim, diante desse propósito, faz-se necessário, refletir a solução de reaproveitamento desses mesmos resíduos, de maneira a não sobrecarregar nosso planeta.

Por meio do trabalho apresentado, podemos considerar que o reaproveitamento de papel, mostra-se promissor para uma tarefa de simples execução e baixo custo operacional para trabalhadores urbanos da cadeia de reciclagem, também por ser de fácil obtenção.

Diante do desperdício de tantos materiais na forma de papéis, papelões, caixas, entre outros (úteis para serem reaproveitados), a comunidade contribui para a valorização da limpeza pública e para formar uma consciência ecológica.

Ao finalizar o presente relato, é possível apontar que a sustentabilidade aliada ao espaço museu pode ser uma ferramenta de educação patrimonial e cidadania podendo a Instituição atuar como um mediador cultural. No entanto, este processo precisa ser realizado de uma forma responsável e consciente por parte do profissional, no que tange a atuação como mediador cultural, bem como o planejamento e a metodologia trabalhada com público.

A conscientização ambiental trabalhada a partir do espaço- Museu torna uma forma eficaz de envolver a comunidade nos espaços interativos, somando os esforços para conservação dos recursos naturais. Assim, a produção artesanal do papel pode desestimular o consumo exagerado, oferecendo por meio da reciclagem de materiais uma forma cidadã.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARPIN, R. Sustentabilidade e **Desenvolvimento: Modelos, Processos e Relações**. **Cadernos de Debate** - 1992.

BRASIL, Lei Nº 12.305 de 02 de agosto de 2010 - **Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS)**, 2010.

BRASIL. Decreto nº 2.519, de 16 de março de 1998. Promulga a **Convenção sobre Diversidade Biológica**, assinada no Rio de Janeiro, em 05 de junho de 1992.

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL - GDF Lei nº 3.315 **Secretaria de Estado de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente** – SEDUMA -1988

BRASIL, Portaria Normativa nº1 do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional, 05/07/2006 **Plano Museológico dos Museus** do IPHAN, Brasília, IPHAN, 200 Porto Alegre.

CHAGAS, M. Respostas de Hugues de Varine às perguntas de Mário Chagas. **Cadernos de Sociomuseologia**. Vol. 5, n.º 5, 1996.

CHAGAS, M. **Educação, Museu e Patrimônio: tensão, Devoração e Adjetivação**: Revista Eletrônica do Iphan, n. 4, Rio de janeiro, 2015

DEMO, P. **Pesquisa e construção do conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001

GATTI, Thérèse Hoffmann. **A história do papel artesanal no Brasil**. São Paulo: ABTCP, 2007.

GONÇALVES, J. R. “**O patrimônio como categoria do pensamento: ensaios Contemporâneos**”. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.). **Memória e Patrimônio**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2005.

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica: Técnicas de pesquisa**. 7 ed. – São Paulo: Atlas, 2010

MANUAL PONTO DE MEMÓRIA - **Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM)** -2006

PONTOS DE MEMÓRIA: **Metodologia e Práticas em Museologia social / Instituto Brasileiro de Museus, Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura**. – Brasília (DF): Phábrica, 2016.

PNUMA - **Programa das MNções Unidas para o Meio Ambiente** - ONU - 2011

SOARES, B. C. B. **Entendendo o Eco museu: uma nova forma de pensar a Museologia**. **Revista Eletrônica Jovem Museologia** – Estudos sobre Museus, Museologia e Patrimônio.2006.

VARINE, H. **As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local**. São Paulo: Aleph, 2013.

VASCONCELOS, C. M. **Turismo e Museus**. São Paulo: Aleph, 2001.

VERGARA, S. C. **Projetos e Relatórios de Pesquisa** 2^a ed. São Paulo: Atlas, 2011.